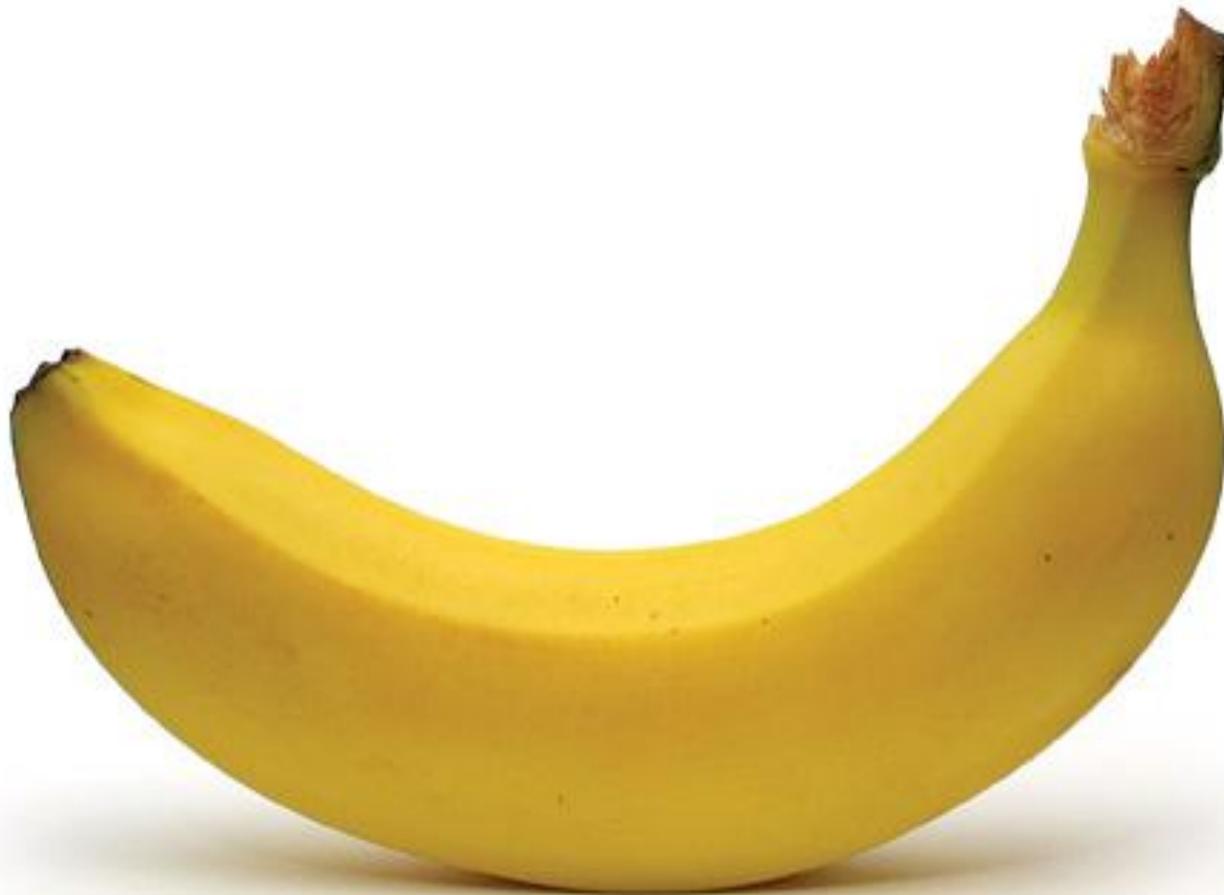


## **Racismo não (CAMILA BRANSALISE)**

**Ao comer uma banana jogada por um torcedor espanhol, o jogador brasileiro Daniel Alves desencadeou uma campanha global contra o preconceito racial, mas esse movimento antirracista não pode se restringir ao esporte**

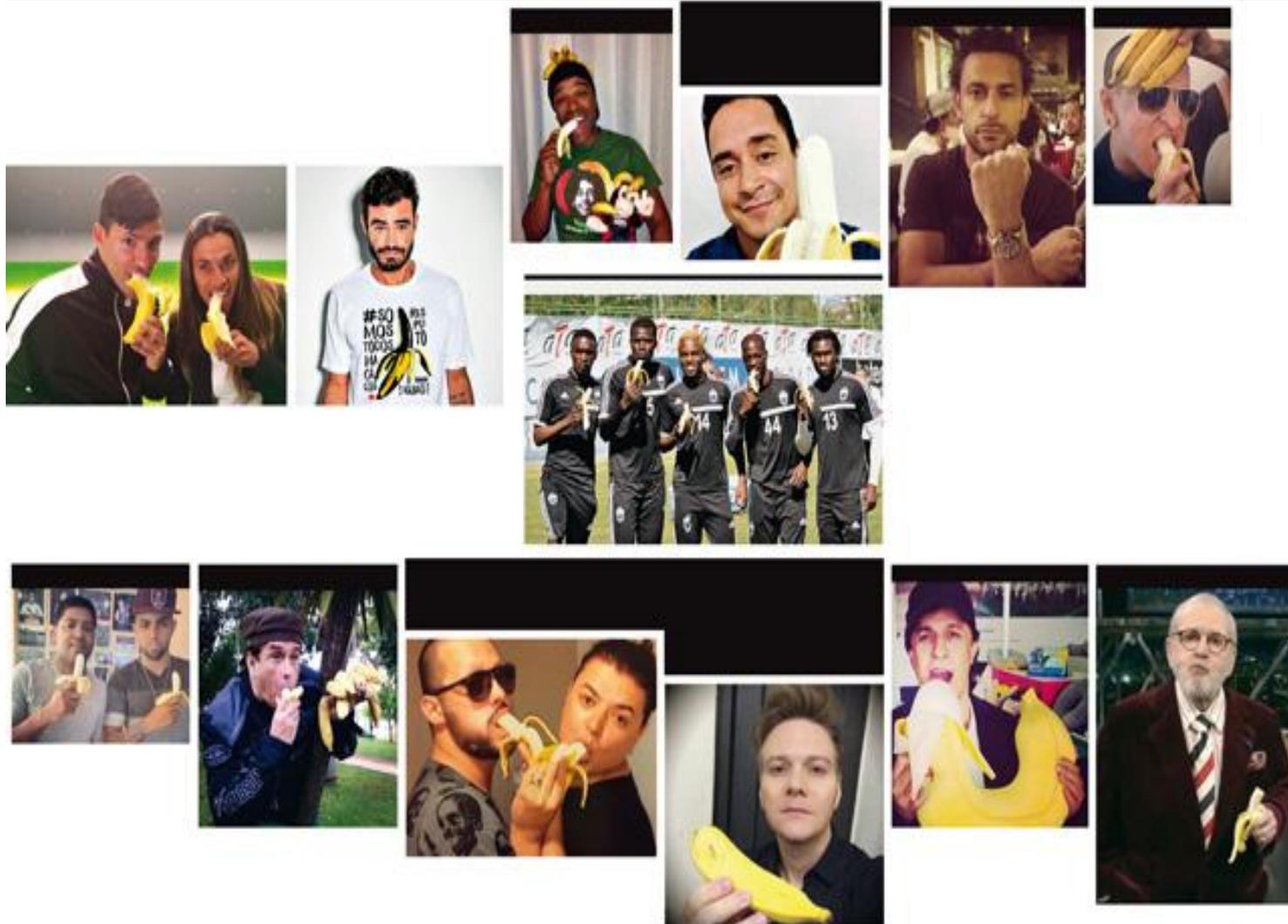


**ESTÁDIO** El Madrigal, 35ª. rodada do Campeonato Espanhol, domingo 27 de abril. Trinta minutos do segundo tempo de Villareal e Barcelona. De repente, cai uma banana na área de escanteio, em direção ao lateral do time catalão, Daniel Alves. Infelizmente, uma cena corriqueira nos estádios europeus. Mas o jogador brasileiro resolve mudar o curso da história e, de vítima, passa a protagonista. Prestes a chutar a bola, ele para, olha, corre para a frente, pega a fruta, descasca e a enfia na boca, de uma vez só. A cena dura apenas seis segundos, mas foi o suficiente. Com esse ato simbólico, o atleta conseguiu criar uma rede de mobilização contra o racismo, iniciada no próprio domingo com Neymar, seu colega de clube, que postou uma foto reproduzindo o gesto no Instagram. A partir daí, pulularam nas redes sociais imagens de personalidades do Brasil e do mundo segurando ou comendo uma banana acompanhadas da hashtag "somos todos macacos", mais tarde revelada uma campanha de uma agência de publicidade – detalhe que pouco importa, uma vez que o que deve ser combatido é o gesto de intolerância, não uma ideia original e oportuna. Agora, os esforços antirracistas já estão concentrados na Copa do Mundo. A pouco mais de um mês do campeonato, o governo federal anunciou que pretende criar uma campanha contra o preconceito e aproveitar os holofotes do campeonato para discutir o problema. A presidenta Dilma Rousseff também pediu ao papa Francisco que escreva uma carta contra o racismo, a ser lida na abertura do evento.

E o chefe da Fifa, Joseph Blatter, declarou que, nas partidas do Mundial, a ordem é tolerância zero contra o menor sinal de preconceito. Mas essa mobilização não pode ficar restrita às arenas esportivas, até porque o ódio racial, velado ou não, está assentado nas mais diferentes camadas da sociedade. É uma ótima oportunidade de se iniciar um movimento global contra a intolerância.



**VIRAL** Ao postar uma foto sua, orientado por sua agência de publicidade, reproduzindo o gesto do colega de clube Daniel Alves, Neymar (à dir.) estimulou celebridades e anônimos do mundo inteiro a fazerem o mesmo



Na Europa, onde jogadores negros brasileiros, como Daniel Alves e Neymar, relatam ser alvo de racismo há muitos anos, é comum acontecer manifestações racistas e xenófobas. Na França, há grupos de extrema direita que frequentemente realizam manifestações contra imigrantes. O mesmo ocorre na Itália. A ilha de Lampedusa é considerada porta de entrada para estrangeiros entrarem ilegalmente na Europa, e no local já há denúncias de violações contra os direitos humanos. Com o crescimento da imigração também na Espanha, o País está hoje entre os mais racistas e xenófobos do continente. Todas essas ações de intolerância precisam ser banidas.

O racismo se escancara no universo dos esportes porque é um ambiente onde os negros brilham e se sobressaem, em diferentes modalidades – caso do futebol, do atletismo e do basquete, por exemplo. Motivados pela competição, torcidas adversárias usam a cor da pele como ofensa, fruto de um discurso de intolerância que estão acostumados a ouvir fora de campo. “Futebol é representação da cultura coletiva. Nos estádios estão os mesmos desejos e valores compartilhados socialmente. Entre eles, o preconceito”, afirma o sociólogo Maurício Murad, autor do livro “Para Entender: A Violência no Futebol” (Ed. Saraiva). A diferença é que, no meio da torcida, o indivíduo se liberta de algumas amarras e resolve extrapolar as regras sociais. “A multidão propicia esses excessos porque as pessoas se sentem escondidas, o que suscita o lado mais bárbaro e não civilizado.” Isso não significa que o comportamento é generalizado. Ato racistas costumam provocar espanto em parte dos brasileiros, vide a repercussão do que aconteceu com Daniel Alves. Para o historiador Joel Rufino dos Santos, autor de “A Escravidão no Brasil” (Ed. Melhoramentos), as reações contrárias mostram um desejo genuíno em favor da democracia racial. “Mas ela não existe. Enquanto esta reportagem estiver sendo lida, provavelmente um negro estará sofrendo algum tipo de preconceito”, diz.



**LIÇÃO Domingo, 27 de abril: O torcedor do Villarreal David Campayo Lleo, 26 anos, joga a banana em Daniel Alves, que pega a fruta e come. O espanhol foi preso e banido do estádio El Madrigal**

Apesar de a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), órgão ligado à Presidência da República, registrar um aumento no número de denúncias no Brasil ano após ano (em 2011 foram 219, em 2013, 425), é certo que os casos de intolerância são muito mais numerosos do que as estatísticas reproduzem. Vivemos uma situação de preconceito

naturalizado, onde tudo vira piada ou brincadeira. "Se alguém chama um negro de 'picolé de asfalto', soa engraçado, não? Mas não só não tem graça nenhuma, como mostra que a cor da pele é motivo de subordinação. É humilhante", afirma Giovanni Harvey, secretário-executivo da Seppir. Segundo ele, no Brasil, todos convivem aparentemente bem por causa do que ele chama de racismo cordial. "Um negro pode ser seu vizinho, você cumprimenta, conversa. Mas o jovem com cor de pele mais escura não vai poder namorar sua filha branca." Num país em que a população negra é maioria, representando 51% dos habitantes e com projeção de chegar a 60% nos próximos anos, o termo certo para caracterizar a situação dos pretos e pardos no País é: desvantagem. Ações como as cotas para negros, por exemplo, louváveis, visam a compensar a desigualdade, não a diminuir o preconceito.

**CASTIGO** Dono dos Los Angeles Clippers, time da NBA americana, o executivo Donald Sterling (à dir.) foi expulso da liga de basquete ao ser flagrado em escuta telefônica de conteúdo racista. Até Obama repudiou o gesto



### **Tinga**

O brasileiro teve de jogar contra o Real Garcilaso, do Peru, pela Libertadores da América, ouvindo a torcida adversária imitar macacos. Depois de 39 dias, a Conmebol anunciou uma multa pífia, de US\$ 12 mil (cerca de R\$ 27 mil) ao time peruano. O valor chegou a ser criticado pelo próprio Tinga

## **PUNIÇÃO E PRECONCEITO**

*Apesar de frequentes no futebol, os casos de racismo não têm recebido punições suficientes para colibir novas manifestações. Para especialistas, o valor das multas é baixo e os clubes também deveriam ser punidos. Relembre alguns episódios recentes e que tipo de sanção foi dada para os gestos de preconceito*





### Arouca

O Santos de Arouca havia acabado de golear em 5 a 2 quando o jogador foi chamado de macaco por torcedores do time adversário, o Mogi-Mirim. Um dia depois, o Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol do Estado de São Paulo interditou o estádio Romildo Vitor Gomes Ferrari, do Mogi



### Roberto Carlos

O jogador se aquecia para disputar uma partida pelo Anzhi, da Rússia, quando um torcedor do Zenit mostrou uma banana. O time foi multado em US\$ 10 mil (cerca de R\$ 23 mil), mas não houve punição individual. Três meses depois, ele foi novamente vítima da intolerância, quando a torcida adversária arremessou uma banana contra ele



### Hulk

Depois do episódio com Roberto Carlos, o Zenit mostrou-se intolerante com seu próprio jogador. Hulk se deparou com um manifesto da torcida organizada dizendo ser contra a contratação de jogadores negros ou homossexuais. Ele se limitou a dizer que não se sentia intimidado. Não houve punição



### Kevin-Prince Boateng

O jogador do Milan se encheu dos insultos racistas da torcida do Pro Pátria que ouvia durante um amistoso, chutou a bola na direção da arquibancada e deixou o campo. Todos os atletas o acompanharam e o jogo foi suspenso. Os agressores foram identificados, condenados a 40 dias de prisão e multados em 10 mil euros (cerca de R\$ 31 mil). A punição do time foi jogar uma partida sem torcedores



### Balotelli

A torcida da Inter de Milão, que não engolira a ida do jogador para o Milan, usou bananas infláveis em um jogo entre os dois times para ofendê-lo. Irritado, Balotelli saiu do gramado fazendo gestos obscenos para sua antiga torcida. A Inter foi multada em 50 mil euros (cerca de R\$ 155 mil), e o jogador, em 10 mil euros (R\$ 31 mil)

O processo histórico de formação do País tem o componente étnico como elemento estruturante. Palco da mais longa escravidão das Américas, 350 anos, o Brasil "se fez" durante esse período, nas palavras de Joaquim Nabuco (1849-1910): "...Consumiu os lucros na compra de escravos e no luxo da cidade; não edificou escolas, nem igrejas, não construiu pontes... o que fez foi esterilizar o solo pela sua cultura extenuativa, embrutecer os escravos, impedir o desenvolvimento dos municípios..." Continua o político abolicionista: "...essa fábrica de espoliação não podia realizar bem algum, e foi, com efeito, um flagelo que imprimiu na face da sociedade e da terra todos os sinais da decadência prematura..."

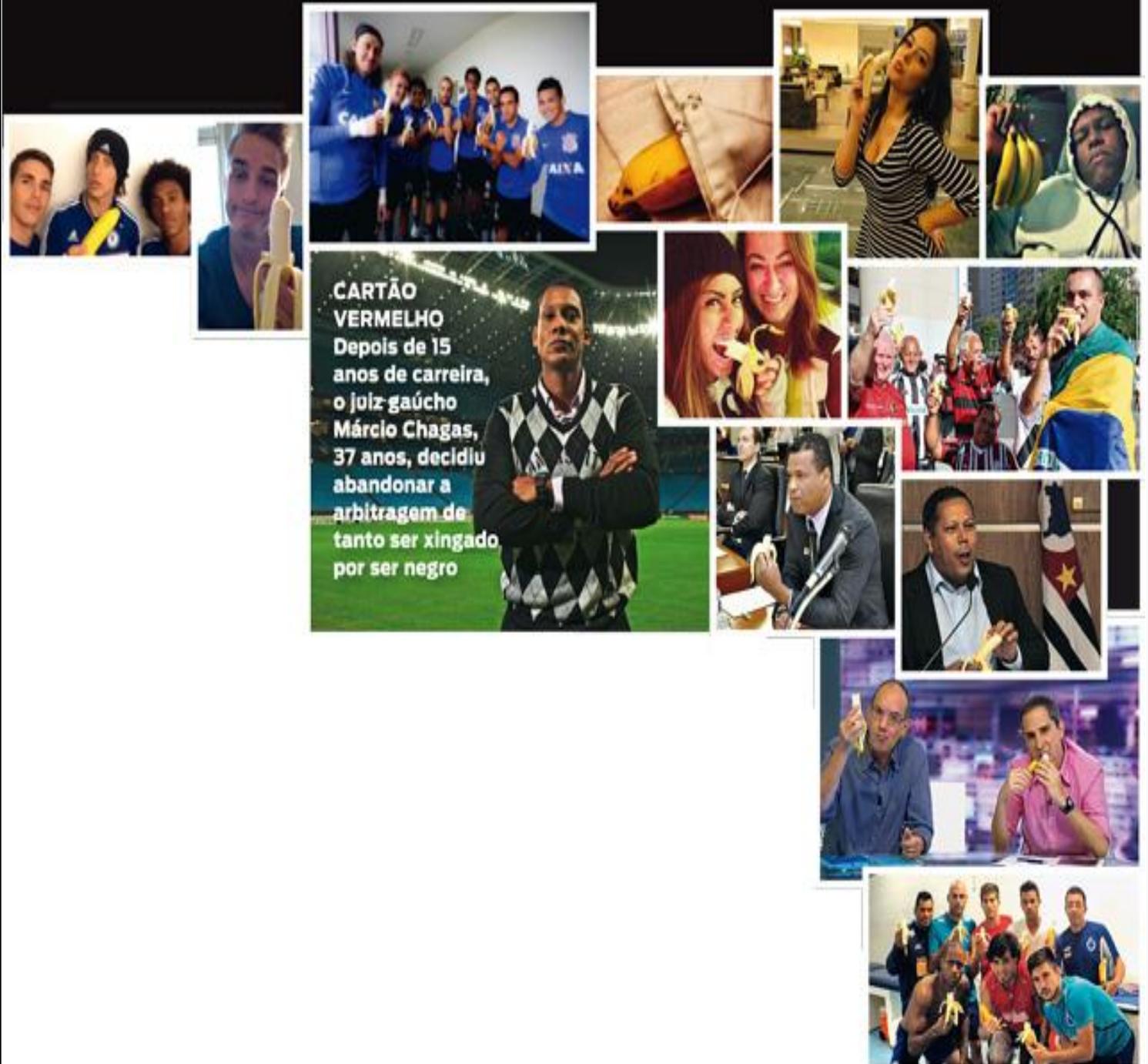
Com base nessa perspectiva, não é à toa o baixíssimo número de negros e pardos que atingem cargos de grande representatividade até os dias de hoje. E no futebol não é diferente. Mesmo com muitos jogadores negros, cargos de presidentes de confederações, dirigentes de clubes e técnicos continuam sendo ocupados, na maioria das vezes, por brancos. E quando conseguem atingir posições mais altas, acabam sendo humilhados por causa da cor da pele. "Tenho relatos de treinadores negros que ouviam dos presidentes dos clubes que seriam demitidos por sua cor", afirma o historiador da Universidade de São Paulo Marcel Diego Tonini, autor de pesquisa sobre a presença do negro no futebol. O mesmo acontece em outras posições de visibilidade. Um dos relatos mais recentes é o do árbitro Márcio Chagas, 37 anos, que foi chamado de macaco enquanto apitava um jogo entre Esportivo e Veranópolis, no Campeonato Gaúcho, em março deste ano. "Teu lugar é na selva" e "volta para o circo" foram outras ofensas que Chagas ouviu na partida. Não bastasse isso, torcedores do Esportivo deixaram bananas no carro do árbitro. "Em 15 anos de trabalho, já passei por situações parecidas, mas essa foi a mais violenta", diz ele. O baque foi tão grande que a primeira decisão foi abandonar a profissão. Mas Chagas decidiu apitar até o fim do campeonato e pelo quarto ano consecutivo foi eleito o melhor árbitro. "Senti muita aflição em relação à carreira. Poderia seguir por mais oito anos na minha função, mas decidi antecipar minha aposentadoria", diz ele, que deixou os campos.



**EM PAUTA - A atriz Lupita Nyong'o, eleita a mais bonita do mundo pela revista "People" e Oscar de melhor atriz coadjuvante por "12 Anos de Escravidão": a intolerância em discussão no cinema**

Para Chagas, a punição contra o Esportivo foi muito branda. O clube perdeu cinco mandos de campo e teve multa de R\$ 30 mil. Depois, ainda perdeu nove pontos e foi rebaixado. "Os dirigentes poderiam ter localizado os torcedores que colocaram as bananas no meu carro, mas foram omissos", afirma. Para os especialistas, é preciso estabelecer sanções mais duras e padronizadas. "Falta atitude. Fifa, Uefa e CBF podem fazer muito mais do que levar uma faixa para o campo onde se lê 'diga não ao racismo'", afirma o pesquisador Marcel Tonini. Talvez seguir o exemplo da NBA, a liga de basquete americana, que aplicou uma multa de US\$ 2,5 milhões (R\$ 5,6 milhões) ao dono do time Los Angeles Clippers, Donald Sterling, e o baniu do esporte após o vazamento de uma conversa com a namorada em que ele pede para não divulgar fotos ao lado de negros. Uma situação tão grave que o negro Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, se manifestou. "Quando um ignorante fala para demonstrar a sua ignorância, não devemos fazemos nada, só deixá-lo falar", afirmou o líder do governo norte-americano.

O responsável por atirar a banana em Daniel Alves foi identificado e preso. Ele se chama David Campayo Lleo e tem 26 anos. Foi banido do estádio do Villarreal, detido, e, se for condenado pela Justiça, ficará preso por até três anos. Caso um ato como o de Campayo Lleo se repita no Mundial do Brasil, a Fifa não tem nada especificado em relação às punições. Afirma somente que sua postura segue o que está escrito no Artigo 3 do estatuto da organização, que fala somente em "suspensão ou expulsão", sem estipular períodos nem valores de multa. Além disso, afirma que "as quartas de final da Copa serão novamente dedicadas à luta contra a discriminação". Soma-se a isso o texto do papa Francisco. "Mas isso é só discurso. Não acho que terá impacto real", afirma o historiador Joel Rufino dos Santos. "Precisamos ter ações práticas. Acredito mais no poder do professor do que no do papa."



De fato, a educação tem um papel essencial para caminharmos rumo ao fim do racismo. A mudança de mentalidade fora de campo naturalmente vai se manifestar durante os jogos, e quem sabe esportistas ou não, os negros passarão por menos situações humilhantes. “Desde que nasce, a criança convive com ideologias racistas e práticas discriminatórias. Estabelecer o diálogo cedo permitirá que ela desenvolva um olhar que valoriza a diversidade”, afirma a educadora Eliane Cavalleiro, autora do livro “Racismo e Antirracismo na Educação (Ed. Selo Negro)”. O Ministério da Educação disponibiliza desde 2005 material didático voltado para o combate ao preconceito racial em sala de aula. Mas, segundo Eliane, o primeiro passo é o professor pensar em suas próprias atitudes: “Não adianta ter o discurso contra o preconceito só dentro da classe.” Para o professor de direito da Universidade de Washington Jeremi Duru, que está no Brasil levantando dados para a pesquisa “A Inclusão Social de Negros pelo Esporte”, o esforço de tentar solucionar a chaga do racismo também pode ser pensado de dentro para fora. Segundo ele, se as manifestações de intolerância diminuírem nas arenas esportivas, as boas práticas de respeito podem se repetir além das quatro linhas. “Muitas vezes, a sociedade segue para onde o esporte aponta. Portanto, se pudermos erradicar o racismo no esporte, nós estaremos mais bem equipados para resolvê-lo na sociedade.” A Copa do Mundo é uma ótima oportunidade para esse bom combate.



## Geografia da intolerância

Pesquisa perguntou aos entrevistados que grupos de pessoas eles não gostariam que fossem seus vizinhos. As porcentagens mostram quantos responderam “pessoas de outras raças”

Jordânia e Índia estão no topo da lista com maior porcentagem de racistas: **51,4%** e **43,5%**, respectivamente

Em seguida, na faixa dos **30%** a **39,9%**, vêm Egito, Arábia Saudita e Coreia do Sul

Entre os países europeus, a França ganha. **27%** dos entrevistados mostraram ser intolerantes

Nos **últimos lugares**, ao lado do **Brasil**, estão Estados Unidos, Argentina e Grã-Bretanha

Fonte: World Values Survey

## Muito além do Pisa (LUCAS VASQUES)

Pesquisadora Sueli de Lima propõe uma abordagem diferente sobre o tema, dando ênfase a um modelo que vai além de simples indicadores, priorizando valores como solidariedade, democracia e diálogo



**NEM SEMPRE** a avaliação fria dos números e das estatísticas é o melhor método para se traduzir a real situação dos diversos setores do País, além de apontar suas principais necessidades para atingir o avanço exigido pela sociedade. No caso do ensino, por exemplo, a prova disso é o resultado do mais recente relatório sobre o desempenho dos alunos brasileiros, realizado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O estudo apontou déficit nacional nas categorias Leitura, Matemática e Ciências. No entanto, há vozes que gritam por novas formas de avaliação e de dinâmicas de trabalho.

"Entendo que possuímos um sistema escolar, mas não um sistema educacional. Pois um sistema educacional precisa estar articulado com diversas instituições e práticas sociais, que também são educativas." É dessa forma que Sueli de Lima, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), propõe um novo modelo educacional. Fundadora da Casa da Arte de Educar, em 1999, uma organização social, que realiza projetos na área de Educação Integral e da Educação de Jovens e Adultos, ela defende que é necessário ir muito além de indicadores de aprendizagens mensuráveis, como os aferidos no Pisa, enfatizando valores, como solidariedade, democracia e diálogo. Sueli coordenou uma pesquisa nacional, realizada pelo Ministério da Cultura (MinC) e pela Casa da Arte de Educar.

"No meu entender, o Pisa é um dos pontos de vista para avaliarmos as práticas educativas desenvolvidas no País. É concebido por organismos internacionais e tem por objetivo ranquear os países, segundo seus critérios. No entanto, cada nação tem seus processos históricos, desafios, potenciais e nem tudo estará explícito neste modelo de avaliação. O Brasil precisa ter seus próprios processos de monitoramento da educação. Estamos no caminho, já possuímos alguma coisa, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Prova Brasil etc. O problema é que eles ainda estão estruturados, estritamente, em resultados mensuráveis, sem levar em consideração os processos de educação", avalia Sueli.

**"Entendo que possuímos um sistema escolar, mas não um sistema educacional. Pois um sistema educacional precisa estar articulado com diversas instituições e práticas sociais, que também são educativas"**

Para avançar na questão da avaliação, segundo a educadora, é preciso promover mais debates sobre o que entendemos como "qualidade da educação". "Esse aspecto é muito mais do que medir indicadores tecnocráticos. Avaliar a qualidade deve implicar na consideração de uma série de processos, que incluem e excedem o resultado obtido em provas pontuais e padronizadas. Processos que reconhecem as especificidades locais e regionais e que contemplem questões como o grau de democratização efetiva do direito à educação, as condições de igualdade e equidade do sistema escolar, o compromisso das instituições (currículos e práticas pedagógicas) com as demandas e necessidades das populações. Os processos educativos precisam ter, como meta, a formação de um sujeito capaz de compreender o mundo e suas condições de atuação neste mundo. O sujeito que precisamos formar tem de saber viver em meio a muita diversidade, ser solidário, criativo e respeitar a vida no planeta. Estas condições não são medidas pelo Pisa ou qualquer outro exame realizado no Brasil atualmente. Por isto, é preciso avançar em relação à avaliação que já possuímos, pois a educação é um processo dinâmico."

Sueli ressalta que os problemas em educação são sistêmicos: estão articulados e é difícil separá-los. "O **investimento** não é a causa dos baixos resultados, mas contribui. Acredito que seja necessário aumentar o investimento, mas, principalmente, criar condições para que esses recursos se estendam a diversas práticas educativas, como as realizadas em centros comunitários, bibliotecas, teatros, cinemas comunitários, museus etc. O que temos no Brasil é um Ministério da Educação, que dialoga com parte dos espaços educativos: escolas e universidade. Isso representa uma parcela das práticas, não todas. É preciso ampliar essa ideia e criar condições legais para que os investimentos também sejam estendidos."

**\*Investimento** » De acordo com conclusão do Pisa, o Brasil investe, em média, US\$ 26.765 por estudante entre 6 e 15 anos, e um terço da média dos demais países da OCDE investe US\$ 83.382.

Em relação a outro problema apontado por especialistas, a desigualdade social no Brasil, Sueli amplia sua análise. "Trabalhar na educação, para superar o complexo quadro de desigualdades sociais na direção da diminuição de nossas pobreza, nos impõe a formulação de modelos capazes de enfrentar a dificuldade, comum entre nós professores, de tornar as culturas um eixo central dos processos educacionais. Educação é o primeiro direito social elencado no artigo 205 da Constituição Federal do Brasil de 1988. Entretanto, sua garantia a todos os brasileiros, quase 25 anos depois da promulgação da Constituição, ainda está distante de ser assegurada."



**A abordagem, segundo Sueli, deve dar prioridade ao diálogo franco e aberto entre as formas convencionais de ensino e a muitas manifestações de arte, por exemplo**

**"Os processos educativos precisam ter, como meta, a formação de um sujeito capaz de compreender o mundo e suas condições de atuação. O sujeito que precisamos formar tem de saber viver em meio a muita diversidade, ser solidário, criativo e respeitar a vida no planeta"**

No entanto, prossegue Sueli, diversos documentos indicam que apenas 49% da população brasileira tem Ensino Fundamental concluído ou que somente 29% dos alunos que concluíram o Ensino Médio, em 2009, sabiam o uso adequado da Língua Portuguesa e 11%, o de Matemática. "A desigualdade do sistema educacional é, hoje, causa e consequência da desigualdade social e econômica no País."

A professora ressalta que a educação escolar tende a reproduzir as relações sociais, políticas e econômicas, de modo geral. "Portanto, se vivenciamos condições desiguais, individualistas, essas condições também marcam o nosso sistema educacional." Além de todas as dificuldades pelas quais o Brasil sofre ao longo de sua trajetória histórica, as grandes dimensões geográficas e populacionais são desafiadoras para a oferta de educação pública de qualidade, principalmente, no que diz respeito à igualdade de oportunidades e à garantia do aprendizado de alunos de regiões distintas em aspectos econômicos, sociais e territoriais.



**Investimento em educação também deveria se estender a diversas práticas educativas, como as realizadas em centros comunitários, bibliotecas, teatros, cinemas comunitários, museus etc.**

### **Dimensão subjetiva**

A partir de sua perspectiva profissional, a educadora pesquisa a relação de estudantes com o saber. Entrar na escola é algo mais complexo do que estar matriculado. "Possui, também, uma dimensão subjetiva, pois entrar na escola é participar de uma relação com o saber, capaz de contribuir para a construção de sentido para a existência daquele jovem. Trabalho a partir do diálogo com estudantes de meios populares. Entendo que é preciso, também, ouvir os estudantes, quando nos perguntamos sobre as condições em que os processos de ensino-aprendizagem ocorrem. Na intenção de investigar o sentido dessas relações, entender que tem significação aquilo que tem sentido, aquilo que diz algo sobre o mundo, que se pode trocar com outros."

Um dado importante, obtido por meio de pesquisas desenvolvidas pela professora, indica que a escola é considerada importante por mais de 50% dos jovens entrevistados, mas eles não se sentem mobilizados por ela. "A escola não tem transformado suas vidas, seu valor se situa em uma dimensão institucional, relacionada à aquisição de diploma. Para os estudantes que entrevisto, a aprendizagem significa menos 'apropriar-se de um capital (ainda que cultural)' do que tornar-se

capaz'. Ou seja, eles afirmam que a aprendizagem precisa encontrar sentido em um fazer, precisa responder às atividades que os desafiam, mais do que apresentar-lhes conteúdos de saber. O desinteresse é responsável por mantê-los distantes da escola, o que se reflete no 'fracasso' e abandono escolar", afirma.

"Com as contribuições que a Sociologia trouxe para o campo da educação, muitas vezes relacionamos as condições sociais aos resultados acadêmicos. No entanto, o problema tem se apresentado de forma complexa, pois é fato que a desigualdade social está em torno e dentro da escola. Por outro lado, os fenômenos da educação possuem dimensões sociais, políticas, éticas, pedagógicas e didáticas. Quero estudar, principalmente, as duas últimas. Estudantes não identificam, naquilo que aprendem na escola, material que os auxilie na construção do sentido de suas existências. O que lá se aprende é entendido como transferência intelectual de conteúdos, memorização crua, atividade passiva por parte de quem aprende, atividade receptiva, e nessas condições o saber não mobiliza os estudantes."

**"Trabalhar na educação, para superar o complexo quadro de desigualdades sociais na direção da diminuição de nossas pobreza, impõe a formulação de modelos capazes de enfrentar a dificuldade, de tornar as culturas um eixo central dos processos educacionais"**

**Plano Articulado**

A pesquisa *Um Plano Articulado para Cultura e Educação* foi realizada em todo o Brasil, destinada a desenvolver um observatório de práticas educacionais, escolares e não escolares, em escala experimental, buscando estruturar princípios orientadores para as políticas da cultura voltadas para a educação. Para tanto, buscou-se compreender as condições em que se encontram as práticas escolares no diálogo com as práticas educativas realizadas por iniciativas culturais (artistas, pontos de cultura, museus, bibliotecas, ongs etc.).

Para definir os cinco municípios mais adequados para a implementação da pesquisa- ação, informa a educadora, partiu-se de algumas premissas: abarcar as cinco regiões brasileiras; contemplar a diversidade cultural do País; estar, assim como seu estado, em diálogo com as políticas públicas federais de Cultura e Educação; dispor da maior diversidade de equipamentos educacionais e culturais possível; desenvolver práticas reconhecidas por premiações; ocupar posição de polo em sua região.

"Como critérios, buscou-se municípios com adesão ao Plano Nacional de Cultura e ao Programa Mais Educação, assim como análise de indicadores sociais, educacionais e culturais. Dessa forma foram escolhidos os seguintes municípios: Porto Velho (RO), Recife (PE), Campo Grande (MS), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS). Ao longo do trabalho, iniciado em fevereiro de 2012, foram reunidos 1.664 atores, de 26 estados e 180 municípios, e participaram presencialmente da pesquisa 427 representantes do setor público (63,8%) e da sociedade civil (36,2%)", relata.

Ela conta que o coletivo investigador, formado para participação da pesquisa, foi equilibrado, no que se refere às áreas de cultura (49%) e educação (51%), incluídos nesta os estudantes (13% do total), em sua maioria dos ensinos médio e fundamental. Assim, a grande maioria dos participantes (87%) é de profissionais, com formação universitária (39% de graduados e 35% pós-graduados), maiores de 36 anos e ocupando cargo de liderança (66%).

**"Estudantes não identificam, naquilo que aprendem na escola, material que os auxilie na construção do sentido de suas existências. O que lá se aprende é entendido como transferência intelectual de conteúdos, memorização crua, atividade passiva por parte de quem aprende, e nessas condições o saber não mobiliza os estudantes"**

"A opção pela metodologia expressa o posicionamento acerca da sociedade e da educação. O objetivo foi construir o contexto para uma pesquisa colaborativa, em que todos os participantes são, ao mesmo tempo, sujeitos e pesquisadores na produção de conhecimentos, a partir de uma reflexão crítica coletiva. Buscou-se criar um campo de diálogo entre as práticas da cultura e as práticas escolares, por meio de uma investigação estruturada nas trocas entre a linguagem formal e a simbólica. Foi preciso trabalhar em situação capaz de proporcionar aos atores, donos de expressões e experiências distintas e específicas, condições de trocas, permitindo a expressão de distintas vozes em condições de mútua influência, construindo o campo intersetorial que se investigava", explica Sueli

Foram produzidos 18 documentos pelos grupos de trabalho de todas as regiões, que juntos aos 38 relatórios elaborados pelos pesquisadores locais e três relatórios da equipe da Casa, totalizaram 59 documentos, além das 288 horas de filmagem. Após análise e classificação das propostas, as mesmas foram comparadas com o Plano Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Educação (Projeto de Lei 8530/10), objetivando o confronto entre as demandas da sociedade e as metas e estratégias já estabelecidas pelos dois ministérios, por meio dos referidos Planos.

**Resultados**

O resultado da pesquisa demonstra que são numerosas as experiências, mas exigem apoios mais eficientes para cumprirem seus papéis sociais. "O que nos faz pensar que seu avanço está, em parte, articulado à legislação, que consolida as relações sociedade civil e governos. As experiências em curso, desenvolvidas por escolas e demais atores educacionais, cobram a elaboração de instrumentos pedagógicos capazes de colaborar para a efetivação da articulação escola-território,

por indicadores aptos a monitorá-las na conquista dos resultados e por investimentos na formação dos distintos atores envolvidos nesta relação."

A democratização da gestão escolar e a necessidade de formulação e implementação de metodologias educacionais, para o enfrentamento do preconceito e para a garantia de direitos nas escolas, também foram objeto de destaque nesta pesquisa. "Os professores têm demonstrado muita dificuldade no diálogo com saberes não instituídos, os saberes do cotidiano, e, muitas vezes, entendem cultura como sinônimo da cultura letrada, escolar. Com isso, a escola se afasta de seu papel social, pois se distancia de sua dimensão pública. Relato muito comum entre os professores e diretores de escolas foi a cobrança por esclarecimento sobre as vantagens que o diálogo com o território pode trazer para os desafios escolares. Afirmam que essas questões têm chegado para a escola recentemente e que desconhecem suas justificativas e metodologias. Isso nos leva a concluir que é necessário desenvolver projetos para apoio pedagógico com estes fins."

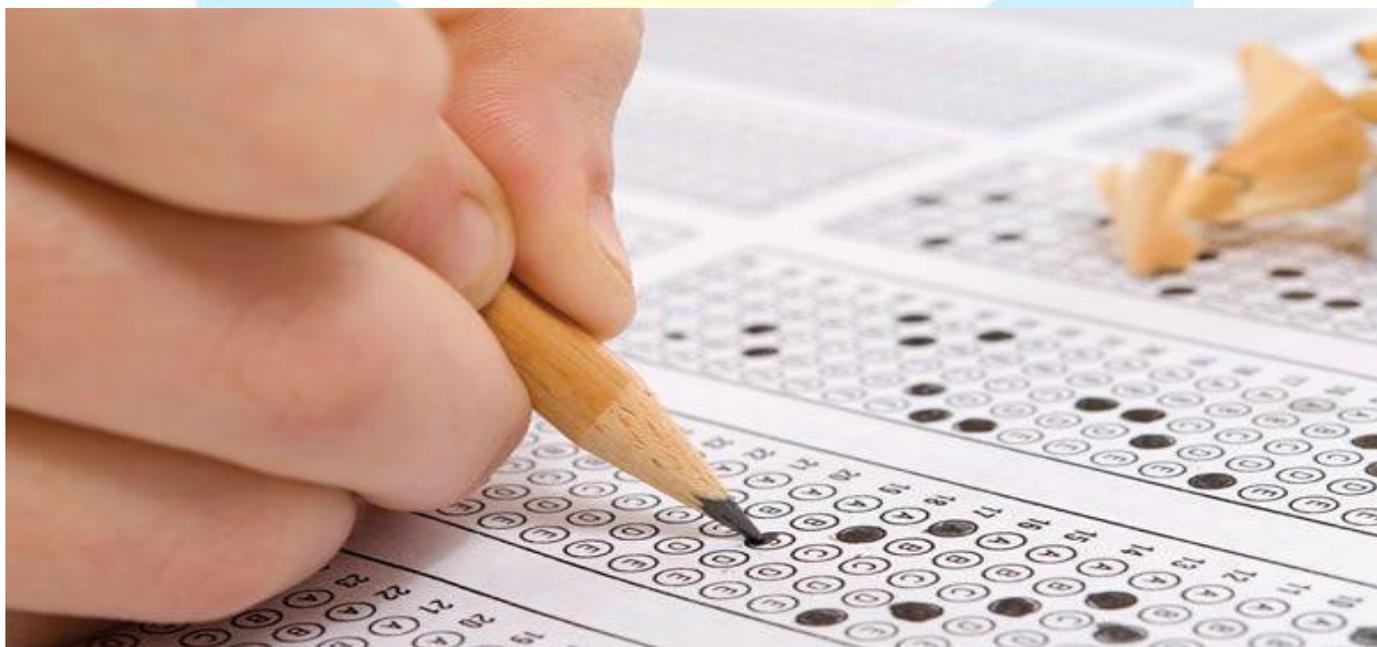
Um desafio, afirma Sueli, é o de caminhar para uma compreensão da escola como redes epistemológicas, estruturadas por meio de relações de saberes, o que permite compreender os estudantes como sujeitos sociais, portadores de saberes, o que é diferente de pensar que sejam carentes de cultura. Valorizar as trocas entre os estudantes e educadores corresponde a formular um horizonte ampliado para a escola.

"A elaboração de programas capazes de contribuir para a valorização das linguagens artísticas nas práticas escolares também se constitui numa demanda do coletivo investigador. Da mesma forma que o artista brasileiro necessita de conquistar espaço social, o ensino das artes precisa ser valorizado nas escolas, comparado. A produção cinematográfica brasileira é pouco aproveitada pelas instituições de ensino e são instrumentos de interesse juvenil, capazes de mobilizar estudantes para diversas áreas do conhecimento escolar. A pesquisa demonstra que essa área cobra maior aproximação com o universo escolar, seja na produção de filmes como na difusão do acervo produzido no País".

**"A elaboração de programas capazes de contribuir para a valorização das linguagens artísticas nas práticas escolares também se constitui numa demanda do coletivo investigador. A produção cinematográfica brasileira é pouco aproveitada pelas instituições de ensino e são instrumentos de interesse juvenil"**

A coordenadora da pesquisa conclui que aproximar as escolas dos seus territórios depende da valorização das diversas experiências de todos os sujeitos sociais implicados, o que garante a dimensão pública da escola. As disputas, que marcam as relações das escolas e territórios, são marcadas pela cobrança de coletivos diversos por reconhecimento como produtores de conhecimento legítimos e válidos. "Essa disputa envolve a complexidade de atores da educação e deixa as práticas culturais, oriundas de meios populares, em defasagem: geralmente, elas são provenientes de vozes, ainda não suficientemente reconhecidas pela sociedade em geral, o que se reflete nas escolas. Acreditam que quando a instituição se torna capaz de trabalhar a partir do diálogo direto com os estudantes e seu território, compreendendo as diferenças e incentivando a voz de cada um, faz valer sua função social."

Uma das sugestões é investir na maior aproximação dos cursos de Pedagogia e das licenciaturas com os estudos culturais, a Sociologia e a Antropologia, objetivando fortalecer a dimensão cultural das práticas educativas. A formação voltada para o diálogo e a mediação cultural é prática ainda distante das licenciaturas, segundo apurado na pesquisa.



**Pesquisadora defende que o Brasil tenha seus próprios processos de monitoramento da educação, aprimorando índices como IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e Prova Brasil**

## Democracia

O trabalho revela, também, que a conquista da democracia nas escolas é a base da intersectorialidade cultura/educação e das políticas para educação integral. "A escola é uma instituição fundamental para o exercício da cidadania, para fazer valer os direitos sociais. A democracia se define de baixo para cima, por meio da expressão das diversas vozes, e não de um Estado hegemônico. Tornar a escola um espaço plural é o principal desafio das políticas da cultura para educação. É preciso criar mecanismos pedagógicos para instaurar práticas democráticas nas instituições educacionais e culturais. As escolas estão sendo chamadas a se constituírem como espaço público de reflexão e constituição de cidadãos produtores de cultura. Nessa perspectiva, o professor é alguém que produz conhecimento sobre a realidade local e não apenas alguém que executa um currículo, de cuja elaboração não participou. É convidado a ampliar sua sala de aula e descobrir o sentido de seu trabalho em diálogo com o contexto, deixando de ser, somente, um transmissor de conhecimentos para se tornar um mediador da produção cultural entre escola e território."

Por outro lado, segundo Sueli, os equipamentos culturais também precisam conquistar e efetivar a dimensão educativa de suas práticas. Bibliotecas com espaços exclusivamente de consultas ou museus voltados para a contemplação já não possuem mais lugar na sociedade de hoje. "Os espaços culturais precisam assumir seu papel educacional, por meio de diálogo e mediação social. E, para tanto, se torna necessário, que os profissionais da cultura se transformem, também, em educadores, o que corresponde a um maior espaço para a educação nos cursos universitários destes profissionais."

Para finalizar, a educadora afirma que as políticas da Cultura e da Educação precisam avançar, coordenadas com universidades e organizações sociais, mais próximas da sociedade. "Neste sentido cobra-se a instauração de fóruns ou conselhos voltados para conquista social. O problema da perda de sentido da educação escolar vem preocupando professores, educadores, estudantes e gestores públicos. Se por um lado se reconhece o esforço na direção de reinventar a escola, por outro os resultados ainda são muito tímidos, em todo o País, como demonstra a pesquisa".

---

**LUCAS VASQUES** é jornalista e escreve frequentemente nesta publicação. **Revista SOCIOLOGIA, Maio de 2014.**

## Por uma direita festiva (LUIZ FELIPE PONDÉ)

**SER JOVEM** e liberal é péssimo para pegar mulher. Este é o desafio maior para jovens que não são de esquerda.

Um dos maiores desafios dos jovens que não são de esquerda não é a falta de acesso a bibliografia que seus professores boicotam (o que é verdade), nem a falta de empregos quando formados porque as escolas os boicotam (o que também é verdade), mas sim a falta de mulheres jovens, estudantes, que simpatizem com a posição liberal (como se fala no Brasil) ou de direita (quase um xingamento).

Os cursos em que você encontra jovens liberais (, administração de empresas, engenharia e afins) têm muito poucas mulheres e as que têm não têm muito interesse em papo cabeça e política. O celeiro de meninas que curtem papo cabeça e política são cursos como psicologia, letras, ciências sociais, pedagogia e afins, todos de esquerda. E aí se recoloca o problema: quando liberais se reúnem há uma forte escassez de mulheres, o que é sempre um drama. E quando junta muito homem falando papo cabeça sem mulher por perto, todos ficam com cara de Sheldon. Sem mulheres, tudo fica chato em algum momento. Como resolver um problema sério como esse?

Vou repetir, porque eu sei que questões altamente filosóficas são difíceis de se entender: o maior desafio para um jovem estudante liberal no Brasil é pegar mulher (no meio universitário e afins), sendo liberal. Claro, charme pessoal, simpatia, inteligência, grana, repertório cultural, sempre são fatores importantes, mas a esquerda tem um ponto a favor dela que é indiscutível: se você é de esquerda, pegar mulher é a coisa mais fácil do mundo. Qual o segredo da esquerda? É ser festiva. Outro dia, conversando com um amigo e colega que é bastante conhecido (por isso vou preservar sua privacidade), chegamos à conclusão de que a direita (liberal, claro, não estou falando de gente que gosta de tortura, tá?) precisa desesperadamente encontrar sua face festiva.

A esquerda festiva (que é quase toda ela) reproduziu porque teve muitas mulheres à mão. Imagine papos como: "Meu amor, se liberte da opressão sobre o corpo da mulher!". Agora, imagine que você esteja num diretório de ciências sociais no final da noite ou num apê sem pai nem mãe (dela) por perto. Um pouco de vinho barato, quem sabe, um baseado? Um som legal, uma foto grande do Che (aquele assassino chique) na parede. Ou imagine você dizendo para uma menina bonitinha algo assim: "O capital mata crianças de fome na África!". Mesmo sendo ela uma jovem endurecida pela batalha contra a opressão da mulher (por isso tenta desesperadamente ser feia), seu coração jorrará ternura.

Imagine a energia de uma manifestação! Braços dados ou não, mas caminhando e cantando. Imagine a fuga, correndo juntos da polícia. Os corações batendo juntos! E claro, imagine vocês no bar da faculdade (matando a aula, porque quem assiste aula não pega mulher): muita cerveja, muitas juras de revolta contra as injustiças sociais, muitas citações de Marx e Foucault. Ou, mais sofisticado ainda: um festival de documentários em Cuba! Meu Deus, pode haver paraíso melhor para se conhecer meninas "donas do seu corpo"?

Desde as primeiras populações na pré-história sabe-se que sem álcool e conversa (por isso aprendemos a falar, do contrário só as meninas fariam) a humanidade teria desaparecido porque mais da metade das meninas não iam querer transar - principalmente quando descobriram a dor do parto. O canal para uma direita festiva é: fale de liberdade, do

sofrimento humano, de corpo, discuta documentários, diga que a vida não tem sentido, mas que a beleza existe, não se vista como o Sheldon, viaje para a Islândia, e (pelo amor de Deus!) não fale de economia. As meninas destetam economia, essa "ciência triste", porque atrapalha a alegria da vida.

Ou rezem para o Brasil virar a Venezuela e aí os meninos liberais vão pegar todas. Eu sei: vão dizer que estou afirmando que discutimos papo cabeça para pegar mulher, mas, lamento, é isso mesmo que estou dizendo, pelo menos em parte. Acordei hoje numa "vibe" darwinista. Sorry.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). [ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## Os jovens de hoje (ROSELY SAYÃO)

**ENTRAR** na faculdade, começar a namorar de maneira mais compromissada - com seus sentimentos e com o outro - e deixar de morar com os pais já foram índices de que o filho havia crescido e de que, a partir de então, ele poderia e deveria cuidar da própria vida. Essas eram marcas de que a adolescência terminara, enfim.

Não é mais assim. Agora, fatos desse tipo são sinais, para os pais, de que eles precisarão se dedicar ao filho de modo diferente: de que serão outras as preocupações que lhes tirarão o sono, de que serão outros os riscos que o filho correrá. Como tem sido, para muitos pais, ter filhos com 18 anos, ou um pouco mais? Bem, a partir do momento em que o jovem entra na faculdade, os pais se preocupam porque querem evitar que o filho fique lá por muito tempo. É: muitos jovens, nos mais diversos cursos, não conseguem terminar o curso de graduação que iniciaram.

Ora porque ficaram em dúvida e passaram a achar que seu curso é outro, ora porque não encontraram professores que consideram "bons e motivadores", ora porque simplesmente não dão conta das responsabilidades exigidas, muitos abandonam o curso ainda no primeiro ano ou trancam matrícula em várias disciplinas. Alguns deles querem voltar a fazer um cursinho preparatório para um novo vestibular, outros esperam transferência de curso e, outros ainda, decidem "dar um tempo" nos estudos e ficar só curtindo a vida.

Apesar de os pais se preocuparem, vários deles aceitam a posição do filho e até se penalizam porque pensam que, afinal, escolher uma profissão que o acompanhará para o resto da vida não é fácil mesmo nessa idade. E muitos deles até querem que o filho insista, e para tanto se prontificam a ajudar o jovem a resolver suas pendências na faculdade. É impressionante ver a quantidade de pais nas faculdades que lá foram para tentar resolver problemas dos filhos. Antes, isso seria motivo de vergonha para o jovem; agora, muitos consideram isso "normal". Aliás, querem que isso aconteça. E o namoro? Muitos pais abrem a casa para que os filhos durmam com a namorada ou namorado e até providenciam camisinha, quando é o caso, para que a/o filha/o evite surpresas inesperadas.

Mesmo com esse grude dos pais com os filhos, há os jovens que querem se emancipar, conquistar liberdade e autonomia, e decidem morar sozinhos. Ah! Os pais se sentem abandonados e não entendem os motivos que levam o jovem a renunciar a todo o conforto que oferecem. E acham, também, que o filho não conseguirá bancar sua própria vida. Pode ser que inicialmente eles não consigam. Mas, aos poucos, irão aprender que para ter roupa limpa precisam lavá-las, que para ter casa limpa precisam limpá-la e, que receber amigos para comer todo santo dia custa caro e dá trabalho.

Tudo o que esses pais precisam, talvez, seja lembrar de sua própria juventude. Eles escolheram um curso com a mesma idade que agora têm os filhos, quiseram muito morar sozinhos e administraram tão bem quanto puderam sua vida sexual. Pode ser que eles pensem que não foram felizes assim, por isso querem dar melhores oportunidades aos filhos. Mas ninguém tem a receita da felicidade; sabemos uma única coisa: só a própria pessoa pode buscar esse estado. Nossa questão em relação a esses jovens deve ser: será isso bom para eles?

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## As crianças e o sexo (CONTARDO CALLIGARIS)

**PODEMOS** nos resignar. Neste começo do século 21, em qualquer sociedade mediantemente modernizada, nenhum pai tem condição de vigiar, selecionar e limitar o acesso à informação de seus filhos. Isso vale especialmente em matéria de sexualidade. A oferta é gigantesca - 30% do tráfico de dados é pornografia, 25% das procuras na internet são sobre um tema sexual, os sites de pornografia recebem mais visitas que Netflix, Amazon e Twitter todos juntos. Essa oferta encontra inevitavelmente as maiores curiosidades infantis - desde "de onde vêm as crianças?" até a "como será que gozam os adultos?".

Nenhum pai proibirá totalmente o uso da internet, por medo (justificado) de isolar seus filhos. A rigor, aliás, essa posição implicaria a decisão de educar os filhos em casa, sem escola. Alguns pais, na fronteira entre o otimismo e a ingenuidade, monitoram os filhos (com razão) graças a programas espíões, que registram as andanças pela internet, ou

confiam em filtros, que impedem o acesso a sites "para adultos". No melhor dos casos, eles conseguem preservar o sono de seus filhos, que não terão interesse em navegar noite adentro embaixo dos cobertores. Mas, no dia seguinte, eles estarão navegando no computador do amigo, ou num smartphone emprestado. Mais ou menos um século atrás (a primeira edição de "Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", de Freud, é de 1905), começamos a admitir que as crianças, mesmo pequenas, tinham "interesses" (digamos assim) sexuais precoces.

Desde então, durante seis ou sete décadas, parece que nossa maior preocupação pedagógica em matéria de sexualidade foi a seguinte: o que vamos dizer e mostrar às crianças, quando e em que ordem, para que elas domesticuem e organizem seus interesses sexuais (confusos, parciais e, por que não, "errados") de forma a elas chegarem a transar como "gente grande" (isso na hora da "maturidade" sexual)? Claro, o problema é: como transa a gente grande? E qual deveria ser a finalidade de uma educação sexual?

Deveria ser interna ao sexo, ou seja, por exemplo, a de permitir que as crianças tivessem um dia o sexo mais prazeroso possível? Ou deveria ser um aprendizado de renúncias, escolhendo menos prazer em troca de, sei lá, mais harmonia entre parceiros? Ou o fim deveria ser simplesmente a obediência aos costumes sociais dominantes? Seja como for, prevaleceu e ficou a ideia de que o fim e suprassumo de uma boa educação sexual seriam a copulação entre um homem e uma mulher (quem sabe, casados e com a procriação como alvo).

A própria psicanálise participou dessa empreitada "educativa". Muitos psicanalistas acharam que as criancinhas gostam de morder e chupar, mas nós, gente grande, aprendemos a desejar sem querer devorar nosso objeto; ou, então, que as criancinhas se excitam com brincadeiras de cocô (a anidade tem a ver com sadismo, essa é outra história), mas nós, gente grande, aprendemos a desejar sem querer dominar ou ser dominado (não é?). A lista continua das coisas que as criancinhas fazem e nós não fazemos e lhes ensinaremos a não fazer. No fim dessa lista utópica vem o melhor: ensinaremos às crianças a sentir, ao mesmo tempo e para a mesma pessoa, desejo sexual e sentimentos ternos e amorosos.

Esse projeto pedagógico nunca funcionou bem, mas, durante décadas, ele inspirou nossos esforços de "educação sexual". De fato, o projeto de educação sexual das crianças serviu sobretudo para os adultos. Ou seja, usamos as crianças para tentar educar nossos próprios desejos confusos e erráticos (se não "errados") e para tentar juntar, em nós, amor e sexo. Mas o que importa é que, agora, esse projeto pedagógico (das crianças ou de nós mesmos) acabou: a internet o sepultou de vez. Por quê? Mas porque qualquer um descobre em dois cliques que os adultos gozam exatamente com todas aquelas tendências supostamente infantis, que eles tentavam levar as crianças a esquecer e, por assim dizer, a juntar num amor-sexo ideal, fundação da família.

Ou seja, hoje, as crianças não só sabem que seus desejos não são restos infantis aos quais eles deveriam renunciar para crescer, mas que eles são o tecido mesmo do desejo dos adultos. Elas também sabem que os adultos, quando lhes falam de sexo, quase sempre, estão mentindo. Isso é bom ou é ruim? E, sobretudo, bom ou ruim para o quê?

---

**CONTARDO CALLIGARIS**, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **Marco Civil é bom, mas poderia ficar melhor (ALOYSIO NUNES FERREIRA)**

**UM DOS** três pilares do Marco Civil, a neutralidade da rede foi garantida na Câmara dos Deputados. Todo conteúdo será tratado da mesma maneira, e o provedor é proibido de diminuir a velocidade de um serviço em favor de outro.

Ao Senado, caberia ampliar o debate a respeito da guarda de dados dos usuários. Ficaria para a Casa a tarefa de amarrar as pontas que envolvem os outros dois pilares do projeto: privacidade e segurança. Essa discussão, porém, não aconteceu. O PLC (projeto de lei da Câmara) nº 21/2014 foi aprovado ontem às pressas para atender ao cronograma da presidente Dilma Rousseff com pouquíssimas emendas acatadas: apenas aquelas que alteram a redação do texto e não obrigam sua devolução à Câmara. Defensor da internet livre e da neutralidade da rede, apresentei 16 emendas. Quase todas foram rejeitadas.

Concordo com o pai da web, Tim Berners-Lee, que alertou para questões que ainda precisam ser discutidas, embora o texto represente o que a internet deve ser - aberta, neutra e descentralizada. Havia, porém, artigos que precisavam ser modificados em nome dessa liberdade. Um deles é eliminar o acesso a informações pessoais por autoridades administrativas porque dá margem à possibilidade de criação de um "big brother" oficial. Por isso, sugeri que a competência local para requisitá-las é do delegado de polícia e do Ministério Público.

Reforcei também a inviolabilidade: "O conteúdo das comunicações privadas será solicitado por ordem judicial e para fins de investigação criminal ou processual penal". O texto atual exige apenas ordem judicial, sem discriminar em quais situações é permitido obtê-las. Um assunto que está na ordem do dia é a superexposição, e o Marco Civil traz exigência desnecessária: substituir conteúdo ofensivo por motivação judicial ou fundamentação da ordem de retirada. Não se pode limitar o poder decisório de um juiz, uma vez que a lei já permite ao ofendido incluir pedido de retratação ou resposta. Ao especificar de antemão o que deve ser colocado no lugar do conteúdo considerado ofensivo, o Marco Civil limita a aplicação da lei.

Outra questão delicada é a punição a provedores de aplicação caso não tomem providências, após ordem judicial específica, para "tornar indisponível" conteúdo apontado como infringente. O uso da expressão "tornar indisponível", aliado à ideia imprecisa do interesse da coletividade, pode ser instrumento de censura, contrariando o propósito da lei. E pode resultar em uma avalanche de ações em juizados especiais, porque o texto atrai para esse foro simplificado a competência para processar essas causas.

A não especificação de conteúdos sujeitos a indisponibilização pode abrir brecha contra a liberdade de imprensa sempre que uma notícia for reputada como desfavorável. Uma resposta importante que o Marco Civil dá é exigir apenas uma notificação do usuário para retirada de conteúdo que viole a intimidade pela divulgação não autorizada de imagens ou vídeos com cenas de nudez ou ato sexual. Essa regra de exclusão, porém, não oferece tratamento igual a situações que violem a dignidade humana, como o caso da garota cuja tortura feita por uma colega motivada por ciúme foi filmada e postada nas redes sociais. Ou do jovem que compartilhou o vídeo do assassinato de sua ex-namorada.

Houve tentativa de assegurar a ampla defesa e o contraditório no caso de infrações cometidas por provedores de conexão e de aplicação, e a multa representará 10% do faturamento bruto do grupo, e não o faturamento sem tributos, como previsto. Da forma como está, a penalidade abrange impostos federais, estaduais ou municipais, além de contribuições sociais e taxas. Se implantada, a medida fere o princípio da isonomia.

A chamada Constituição da internet é boa, mas poderia ficar melhor. Votei a favor do Marco Civil, mas fui contra esse afogadilho. Ontem, o Senado não pôde exercer seu dever de aprimorá-lo. Parlamentares, temos a obrigação de revisar as leis originárias na Câmara para, posteriormente, aprimorá-las. É o que diz a Constituição brasileira.

---

**ALOYSIO NUNES FERREIRA**, 69, advogado, é líder do PSDB no Senado Federal. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **Será reserva de mercado? (JANAÍNA CONCEIÇÃO PASCHOAL)**

**A IGREJA** do papa Francisco, o pontífice do diálogo, trouxe como tema da Campanha da Fraternidade deste ano a erradicação do tráfico de seres humanos. Independentemente de qual seja a religião professada, ou mesmo de seguir qualquer religião, forçoso reconhecer a importância da proposta. O tráfico de seres humanos, seja para fins de trabalho escravo, seja visando à extração de órgãos para transplantes, ou para a exploração sexual, deve mesmo ser prevenido e reprimido, pois não se pode compactuar com a redução de uma pessoa à condição de coisa.

Muitos são os seminários voltados à capacitação dos agentes públicos para o enfrentamento desse crime contra a humanidade. Recentemente, em São Paulo, ocorreu o Primeiro Encontro Mundial sobre Segurança Humana, que contou com um painel concernente ao tema. Durante tal evento, tive a oportunidade de externar um inconformismo, que divido com o leitor. Não consigo compreender por qual razão todos se preocupam tanto com as pessoas enviadas para o exterior, especialmente com aquelas traficadas para fins de exploração sexual, quando ninguém está muito incomodado com as que são comercializadas, à vista de todos, nas esquinas de nossas cidades.

Estivéssemos a falar apenas de adultos, a incoerência já chamaria atenção; entretanto, autoridades convivem muito bem com o comércio sexual de adolescentes, não sendo raros, em nossos tribunais, casos em que exploradores e clientes findam exculpados porque, afinal, as jovens já estão iniciadas nas coisas do sexo. Quero aproveitar a Campanha da Fraternidade de 2014 para convidar os brasileiros a responderem para si próprios - como uma boa reflexão religiosa deve ser - se, ao nos ocuparmos das pessoas exportadas sem nos preocuparmos com as vendidas nas esquinas, não estamos, na verdade, cuidando de fazer reserva de mercado.

Se o foco realmente é o ser humano, pouco importa se o comércio ocorre perto ou longe. Não há lógica em tomar os responsáveis pelo tráfico de seres humanos como criminosos e os comerciantes da desgraça alheia, que estão aqui, como empresários do sexo. Do mesmo modo, não é coerente olhar para a pessoa objeto de tráfico como vítima e para aquela que é agenciada, aos olhos de todos, como culpada pela própria situação, como merecedora dos maus tratos experimentados.

É bem verdade que estamos em um país hipócrita, que se volta contra algumas ditaduras e se contenta com meias verdades. País que diz lutar contra o tráfico de pessoas e, ao mesmo tempo, importa escravos de Fidel. Mas, como a esperança é a última que morre, não custa tentar aproveitar o fato de o tráfico de pessoas ser o tema da moda para pedir que nos preocupemos também e, talvez principalmente, com os escravos que não deixaram nosso território.

Muitos, ao lerem este texto, nele vislumbrarão um ranço de moralismo. Mas moralismo não tem nada a ver com moral. Moralismo é pretender ditar regras a pessoas livres. Já a moral e o Direito exigem que vulneráveis recebam respeito e proteção, independentemente de serem explorados em outro país, ou nos limites da cidade em que nasceram.

---

**JANAÍNA CONCEIÇÃO PASCHOAL**, 39, advogada, é professora livre-docente de direito penal na USP. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## Mais Médicos: Fragmentos sobre a loucura (MIGUEL SROUGI)

**NEM EU** nem meus colegas brasileiros rejeitamos a ideia de mais médicos, afinal essa é uma aspiração planetária. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), faltam no mundo 4,3 milhões de médicos e enfermeiras, carência impossível de ser ignorada, pois penaliza 1 bilhão de pessoas, como sempre aquelas que perambulam à margem da existência digna.

O que eu e a imensa maioria dos médicos brasileiros não conseguimos aceitar é a forma como o programa Mais Médicos foi imposto à nação. Para dissimular a indecência na saúde, nossos governantes trouxeram médicos cubanos. Iniciativa de grande apelo aos mais distraídos, mas ilegítima, injusta, inconsistente e empulhadora. Iniciativa ilegítima por violar as leis e os valores da sociedade brasileira. Como aceitar que profissionais recebam menos de 10% do que foi anunciado; cidadãos proibidos de expressar seus sentimentos, vivendo em cativeiros, num país onde a liberdade constitui uma conquista inegociável de seu povo.

Injusta porque, em três anos, serão transferidos R\$ 5 bilhões para Cuba, país igualmente carente, mas que não pode ser privilegiado em detrimento dos desvalidos do Brasil. País habitado por 60 milhões de analfabetos e por 6,5 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza, que vão para a cama sem saber se terão o que comer no dia seguinte. Também injusta porque, para implementar um programa tão inconsistente, nossas autoridades demonizaram os médicos brasileiros, cuja competência e abnegação é reconhecida dentro e fora de nossas fronteiras. O ex-ministro Alexandre Padilha escreveu nesta **Folha** que os médicos brasileiros aprendiam com os pacientes pobres nos hospitais públicos, para depois só tratar ricos.

Poucas vezes testemunhei algo tão preconceituoso, perigoso e mentiroso. O ex-ministro, que diz ter estudado medicina, sabe que em todo o planeta existe um contrato social não escrito: médicos aprendem em hospitais universitários e, como retribuição, os pacientes recebem cuidados orientados ou providos por professores, que se colocam entre os mais competentes médicos de cada país. Iniciativa inconsistente porque os médicos cubanos, com formação dúbia, serão incapazes de exercer qualquer ação médica efetiva em ambientes degradados e abandonados. O que farão frente a um paciente com dor aguda no peito? Se do céu cair um eletrocardiograma, não saberão interpretá-lo. Se por intuição desconfiarem de um infarto, não conseguirão tratá-lo. Se alguma divindade conseguir transportar o paciente para um centro mais desenvolvido, inexistirão vagas nos hospitais do SUS. Atendido no setor de emergências, ele morrerá pelo infarto e de frio, pois terá que utilizar o seu cobertor para forrar o chão gélido, onde será despejado e não atendido.

Iniciativa empulhadora porque atribui a ruína da saúde à falta de médicos nos rincões, quando na verdade a indecência instalou-se porque o Brasil tem sido dirigido por governantes desonestos e de uma inépcia inabalável. Governo cujo Ministério da Saúde promoveu, nos últimos cinco anos, o fechamento de 286 hospitais ligados ao SUS e deixou de utilizar, em 2012, R\$ 17 bilhões dos recursos a ele destinados. Valor com o qual teriam sido construídas e equipadas 18 mil unidades básicas de saúde e com o qual menos corpos estariam despencando diante das portas impenetráveis dos hospitais públicos. Dirigentes coniventes com a corrupção, que segundo a ONU apoderou-se, em 2012, de R\$ 200 bilhões da riqueza do Brasil, suficientes para construir 9 milhões de residências populares. Também muitos leitos hospitalares se contabilizados os descaminhos recentes da turma do punho cerrado, do bando das mãos lambuzadas de petróleo ou do time dos pés entortados.

Lamento prever a ruína próxima do Mais Médicos. Os cubanos já estão migrando para centros mais prósperos e os nossos governantes, sob jugo da marquetagem eleitoreira e com mentiras repetidas, esforçam-se para esconder os frangalhos da ação tresloucada. Restarão no palco do horror, abandonados e resignados, aqueles que nunca conseguirão expressar a desilusão.

---

**MIGUEL SROUGI**, 67, professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP, é pós-graduado em urologia pela Universidade Harvard (EUA) e presidente do Conselho do Instituto Criança é Vida. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## O problema das biografias autorizadas (JOSÉ AFONSO DA SILVA)

**AS CHAMADAS** biografias autorizadas não raro são escritas por encomenda, mediante pagamento. Personalidades que se acham importantes contratam com algum escriba a elaboração de sua biografia, que é submetida à sua apreciação, de sorte que, se for por ele aprovada, será publicada, se não, não o será. São sempre panegíricas, e é para ser elogiado que o biografado contrata a biografia.

A esse propósito, lavra a discussão, entre nós, tendo em vista o disposto no art. 20 do Código Civil, de 2002, com base no qual Roberto Carlos foi a juízo para proibir a divulgação de sua biografia sem sua autorização. A questão da constitucionalidade do dispositivo pende de decisão do Supremo Tribunal Federal. Este texto quer ser uma contribuição ao debate. Aquele artigo declara, em essência, que, salvo autorização, a divulgação de escrito, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas a seu requerimento, sem prejuízo da indenização que couber. Aí está dito: "Salvo autorização, a divulgação de escrito... de uma pessoa...".

A primeira questão interpretativa que se apresenta é esta: escrito de uma pessoa, como está dito no artigo, ou escrito sobre uma pessoa, como um grupo formado por Caetano Veloso, Chico Buarque, Gil e o próprio Roberto Carlos querem ou quiseram. De fato, o art. 20 não proíbe a divulgação ou publicação de escrito sobre uma pessoa, que é o que define uma biografia. Por outro lado, a imagem de uma pessoa pode ser imagem-figura e imagem-atributo.

Divulgar escrito entra neste segundo tipo. É claro que o escrito de uma pessoa só pode ser divulgado ou publicado com sua autorização, porque aí está envolvido o direito econômico e moral do autor, razão por que se fala em indenização. De toda forma, o dispositivo deve ser interpretado tendo em vista regras da Constituição de 1988, sobretudo o disposto no art. 5º, IX, segundo o qual "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou de licença". E ainda há o art. 220, segundo o qual a manifestação do pensamento, a criação e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição.

A biografia é uma atividade intelectual, inequivocamente, é manifestação do pensamento, é criação e até informação, além de sua dimensão histórica. Logo, é uma atividade livre que não pode sofrer censura nem restrição nem precisa de licença para ser publicada. Demais, o invocado direito à privacidade para exigir-se a autorização não ocorre no caso, primeiro tendo em vista aquela liberdade garantida nos dispositivos constitucionais, segundo a pessoa notória, que se torna de interesse público pela fama ou significação intelectual, artística ou política e não poderá alegar ofensa a seu direito à imagem se a divulgação estiver ligada à ciência, às letras, à moral, à arte e à política.

As biografias autorizadas caem no rol do panegírico, do louvor, ou porque o biógrafo ganhou para elaborá-la ao gosto do biografado, ou porque o biógrafo admira tanto o biografado que seu objetivo é mesmo destacar suas qualidades.

---

**JOSÉ AFONSO DA SILVA**, 88, constitucionalista, é professor aposentado de direito da USP. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## **O que deve a Petrobras à sociedade? (ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE)**

**BENJAMIN** Disraeli, judeu de origem italiana que foi primeiro-ministro da Inglaterra vitoriana duas vezes (em 1868 e de 1874 a 1880), dizia: "Nunca explique, nunca reclame" ("Never explain, never complain"). É uma atitude bem inglesa. Dignidade, diriam uns; empáfia, diriam outros. A atitude parece ter sido adotada pela onipotente Petrobras até estourar a bomba da refinaria de Pasadena, no Texas (Estados Unidos).

O escândalo se baseara principalmente na discrepância entre o preço que a Astra, proprietária antecessora à Petrobras, pagara, o que seria US\$ 42,5 milhões e aquele que a Petrobras havia pago por 50% da empresa, US\$ 359 milhões, o que pressupunha um valor de US\$ 718 milhões, ou seja, uma soma 17 vezes maior do que a paga pela Astra. Após quase um mês de confusões, a presidente da Petrobras, Graça Foster, explica que o valor pago pela Astra foi de US\$ 248 milhões, que somados a investimentos alcançariam US\$ 390 milhões. Com isso, o que pagou a Petrobras à Astra pela refinaria seria apenas 80% a mais.

Essa discrepância é facilmente explicável pelas flutuações do mercado de petróleo, à época exacerbadas. Basta dizer que no momento da compra da refinaria pela Astra, a margem no refino chegou a cair a US\$ 2/barril, enquanto quando da compra pela Petrobras teria a margem atingido US\$ 12/barril. O que explica quase tudo, só não explica a delonga da Petrobras em dar estas explicações. Aliás, que não foram dadas à opinião pública, mas ao Congresso Nacional e, assim mesmo, sob pressão. É hora de perguntarmos a quem serve essa demora. Seu prestígio e o do governo sendo enxovalhados, e a Petrobras apanhando conformada. É inverossímil a hipótese de que ninguém da corporação soubesse os verdadeiros valores. E quem teria fornecido à imprensa o valor de US\$ 42,5 milhões? Se o ato foi de má-fé, por que não abre a Petrobras uma sindicância?

A presidente Foster disse que não precisamos nos preocupar. As reservas brasileiras de petróleo seriam suficientes para 20 anos. Esta afirmativa não tem sentido. A curva de produção de petróleo, seja de um poço, seja de um campo, seja de uma região ou país, cresce inicialmente, atinge um pico e depois cai. É possível que tivesse, entretanto, a presidente usado um parâmetro tradicional do setor: tempo de duração da reserva, que é igual ao volume da reserva dividido pela produção. Neste caso, deduzimos que o total da reserva é de 15 bilhões de barris, o que confere com o que afirmou a presidente Dilma Rousseff há dois anos, tal seja, que o pré-sal teria 8 bilhões e o remanescente convencional (incluindo águas profundas) 7 bilhões de barris.

Todavia, as reservas tradicionais deviam estar se extinguindo rapidamente, pois esta é a única explicação para o fato de que a produção permaneceu constante nestes três últimos anos, enquanto a contribuição do pré-sal cresceu de zero a 400 mil barris/dia. O que faz então a Petrobras pensar que pode vir a produzir 4 milhões de barris por dia? Talvez se a Petrobras se acostumar a dar explicações ao público, seu prestígio possa ser recuperado.

---

**ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE**, 82, físico, é professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e membro do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e do Conselho Editorial da **Folha**. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## Beleza roubada (LUIZ FELIPE PONDÉ)

**HÁ MUITO** suspeitava que um dia as mulheres mais bonitas iam ser de alguma forma castigadas por nossa sociedade. Meu temor, em parte, se confirmou. Incluindo aí também um castigo para os homens mais bonitos. E por quê? Porque pesquisas recentes parecem provar que homens mais bonitos e mulheres mais bonitas têm mais sucesso profissional, e isso é "imperdoável" num mundo em que a inveja e o ressentimento fazem a política das nações. Vivemos numa era do ressentimento.

Claro, dirão que critérios de beleza variam. Sim, numa certa medida mais gordinhas hoje parecem estar em baixa. As magrelinhas podem fazer sucesso em passarelas e nos espelhos de lojas, mas nem sempre encantam o desejo de todos os homens. E mais: não creio que as figuras das "bruxas" deixem alguma dúvida sobre o que era "feio" (não me refiro às mulheres, muitas delas bonitas, que hoje se dedicam a cultos da Europa pré-cristã).

De qualquer forma, o livro "Beauty Pays: Why Attractive People Are More Successful" (A beleza paga: por que as pessoas mais atraentes são mais bem-sucedidas), de Daniel Hamermesh (indicado pelo excelente artigo do "Valor Econômico"), aprofunda o que é essa beleza que paga bem no mercado profissional. O artigo parte da bela Marissa Meyer, CEO do Yahoo!, para discutir o novo problema a ser enfrentado pelos mais bem-sucedidos que forem mais belos. Os burocratas dos tributos (em países como os EUA), parasitas que passam o dia pensando em como tirar dinheiro de quem produz dinheiro, já tiveram uma ideia incrível: taxar quem tiver mais sucesso profissional e for bonito.

Como será que esse personagem de Kafka (veja-o como um rato cheio de formulários na mão) vai fazer para identificar a beleza como parte da razão de uma pessoa ser ainda mais achacada pelo fisco? Testemunhos dos "prejudicados" na carreira pela "injusta" beleza dos outros? O livro em questão, no seu capítulo oito, discute as possíveis "proteções legais para os feios"! Difícil dizer, mas sem dúvida vão descobrir uma forma, porque o Estado está sempre aquém na "ponta da entrega", mas sempre além da imaginação em competência na "ponta da arrecadação".

A base do ódio organizado à beleza e à riqueza (travestido de taxaço em nome da justiça "sócio-estética") é o velho ressentimento. Nietzsche é um analista social e político muito mais sofisticado do que o guru Marx. Luta de classes é o "nome fantasia" do ressentimento que se tem contra os mais afortunados e mais competentes. É difícil aceitar que algumas pessoas sejam mais capazes e mais afortunadas (a velha Fortuna de Maquiavel, que, como toda mulher, ama a ousadia e a coragem) do que outras. Adam Smith, pai da noção de sociedade comercial (ou sociedade de mercado), sabia que havia um risco de crescimento da "frouxidão" generalizada com o enriquecimento. Mas a contingência (ou acaso ou fortuna) que está na base da visão de mundo de Smith fere nossa sensibilidade de carentes.

Sua "cosmologia" não parece reconhecer uma ordem inteligente superior que equilibre de modo "justo" as diferentes capacidades pessoais. A famosa "mão invisível" equilibraria apenas os resultados totais da riqueza, mas não a inveja de quem é menos capaz. A sociedade de mercado é uma ferida narcísica incurável para quem nela fracassa. E é difícil não ser, uma vez que todos somos infelizes e carentes em algum nível. Os "marcadores" dessas diferenças que ninguém quer dizer o nome (beleza, riqueza, inteligência, originalidade), acolhidas pela sociedade de mercado, são detestados pelo narcisismo carente, fonte inesgotável de ressentimento.

Portanto, a psicologia nietzschiana do ressentimento deveria ser mais levada a sério quando se discute política no mundo contemporâneo. Dica: o ódio às belas, rancor atávico das feias, o ódio aos mais capazes, rancor atávico dos menos capazes, nunca foi descrito de modo tão claro como pela filósofa Ayn Rand em seu "Revolta de Atlas" (uma das referências bibliográficas que nossa universidade nega a seus alunos), livro antídoto às mentiras do ressentimento. Leia.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). [ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## Banana é bom e faz crescer (JOEL RUFINO DOS SANTOS)

**HÁ 70 ANOS**, havia consenso entre os analistas sobre o declínio do racismo antinegro no Brasil. Modernização capitalista, miscigenação intensa e continuada garantiam essa previsão. A promiscuidade entre as raças, para o bem e para o mal, impedira a segregação - que marcava, essa sim, o caso norte-americano.

Os brasileiros negros, quando se organizavam em clubes recreativos, de autoajuda, escolas noturnas profissionalizantes, declaravam querer isso: integrar o negro, fazendo-o valer mais no mercado de trabalho para, dessa forma, participar do progresso nacional. Queriam se sentir tão ou mais brasileiros que os outros. Após 125 anos do fim do escravismo - do escravismo, porque o trabalho escravo ainda existe -, as manifestações de racismo antinegro explodem nos estádios brasileiros.

Muitos se surpreenderam com a agressão da torcida do Mogi ao meia Arouca, do Santos, em março, no dia seguinte à agressão sofrida por um juiz no Rio Grande do Sul. No entanto, desde que o futebol virou uma profissão, lá por 1930, grandes craques negros - um Fausto, um Jaguaré, um Valdemar, um Leônidas, um Zinho, um Pelé - e pequenos, cujo número é infinito, foram hostilizados e prejudicados pelo racismo. Os que agora se surpreendem - cronistas,

apresentadores, jogadores, técnicos-- não aprenderam na escola como nosso país se formou. De brincadeira, vão dizer que faltaram a essa aula. Não sejam rigorosos consigo mesmos, os que foram à escola não tiveram essa aula. Monteiro Lobato confessou que a única coisa que se lembra da história do Brasil é que o bispo Sardinha foi devorado pelos caetés.

Todos sabem que o Brasil teve escravidão. Alguma coisa nos impede de saber mais. Em alguma aula do curso elementar, nos disseram que "os negros foram escravos porque os índios não se adaptaram à escravidão". Como se diz na gíria, fala sério. A escravidão de índios no Brasil foi a maior da América do Sul, durou 250 anos. A dos negros, 350. O racismo, antinegro e anti-índio, é uma das colunas da formação brasileira. O nosso racismo é envergonhado, tanto que alguém acusado de preconceito e discriminação racial se defende dizendo que tem amigos e, às vezes, até parentes negros. Diante de uma ofensa racista, sentimos vergonha pelo ofensor - no fundo, de nós mesmos. Tinga e Arouca são artistas doces e inteligentes da bola, que vergonha por quem os agrediu! Temos racismo em todas as suas formas - o preconceito, mais brando, a discriminação, mais eficaz, o racismo propriamente dito, estrutural, que organizou as nossas relações de trabalho, nossos hábitos, nossa moral pública.

No Carnaval, um bloco cantou: "Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é?". O que se insinua aí é que todos sabem que ele é, mas precisam comunicar a condição do Zezé. Bom, essa é uma peculiaridade do racismo brasileiro: como tem vergonha de ser, é preciso uma rede Brasil curtir a novidade, sem exceção. O país sempre foi racista - e chega a comover o esforço de militantes do movimento negro para convencer o Brasil do óbvio. Por que a perda da vergonha? Um dos vetores deve ser a barbárie, palavra que tem milhares de acepções. Aqui é a vida que transcorre toda no estágio dos instintos primários: reproduzir, comer, sobreviver. Ou dito de outra maneira: sexo, consumo, violência. Há uns 50 anos, a vida do mundo civilizado parece caminhar para trás, não se diferenciando mais da vida primitiva. Não há hoje povo conhecido sobre a Terra que seja bárbaro. Todos criaram uma teia, às vezes fina, às vezes densa, de civilização - poesia, música, curiosidade intelectual, língua, filosofia, fundamento (outro nome de tradição) e destino (transcendência). Salvo as massas urbanas. Essas estão prontas, "everytime", "everywhere", para o espetáculo das torcidas organizadas.

A vergonha de ser racista é que acabou, ou está acabando. Se na Copa pularem feito macacos atirando bananas no campo, dou meu conselho aos jogadores negros. Façam como Daniel Alves esta semana: descasquem as bananas e comam. Essa também é uma tradição brasileira: o que vem a gente traça. No final do processo digestivo, a ofensa se transformará no que verdadeiramente é - aquela "coisa" amarelada.

---

**JOEL RUFINO DOS SANTOS**, 72, doutor em comunicação e cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é historiador e escritor. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## **Educação alimentar (ROSELY SAYÃO)**

**HÁ VESTIMENTAS** femininas de todos os tamanhos, por isso qualquer mulher consegue comprar roupas adequadas a seu corpo. Entretanto, o sonho de um grande número de mulheres jovens - e nem tão jovens assim - é vestir roupas de número 38. As confecções e as lojas sabem disso. Por várias vezes entro em lojas para ver uma blusa ou um vestido exibidos na vitrine e que considero de meu gosto e estilo. Ao ir até a arara em que ficam penduradas as roupas, só encontro as de número 38. As outras estão, em geral, no estoque, bem longe dos olhos de todos.

Nunca vi tanto sucesso de revistas, blogs e sites que se dedicam a comentar dietas, dar receitas com poucas calorias e informar como pessoas famosas perderam peso, por exemplo. O mesmo acontece com alimentos industrializados que usam adjetivos do tipo light ou diet. E as crianças que acompanham suas mães quando elas fazem compras em supermercados já sabem que esses são os produtos buscados por elas. O pior é que elas pensam que é porque são mais saudáveis. E a vida de uma quantidade enorme de mulheres segue assim: tentando emagrecer, programando dietas e exercícios físicos, assistindo a programas que se dedicam a comentar tais assuntos. E poucas alcançam o objetivo porque - cá entre nós - é difícil praticar a autorregulação e manter a disciplina, não é?

Ainda mais porque, ao mesmo tempo em que há essa pressão a respeito da aparência magra, há também a proliferação da diversidade de alimentos industrializados, de revistas sobre comidas, de restaurantes, etc. Como resistir às tentações? Enquanto isso, nossas crianças engordam. Li várias reportagens a esse respeito, publicadas com frequência em todas as mídias. As informações apresentadas são preocupantes e até assustadoras. Por exemplo: essa geração de crianças será a primeira a viver menos que seus pais, se o quadro atual não mudar; a obesidade e o sobrepeso afetam quase 40% das crianças brasileiras. Os motivos apresentados para explicar tais fatos são sempre os mesmos: alimentação inadequada e vida sedentária.

Não sou fã de pesquisas e estatísticas, mas tenho de reconhecer que o quadro apresentado não é diferente da realidade: basta visitar uma escola com o olhar atento que veremos muitas crianças com sobrepeso e comendo lanche - trazido de casa ou ofertado pela escola, tanto faz - preparado com total descuido. Salgadinhos em saquinhos, biscoitos, pizzas com quantidades enorme de queijo, salgados fritos ou assados, gordurosos em excesso, sucos artificiais, refrigerantes e alimentos similares é o que mais vemos. Ensinar uma criança a se alimentar bem, fazer com que ela aprenda a reconhecer sua saciedade, mostrar que podemos - sim! - comer porcarias gostosas de vez em quando e não cotidianamente, dá trabalho. É uma tarefa educativa árdua, mas gostosa.

Do mesmo modo, imprimir na vida das crianças mais movimento corporal em tempos em que somos generosos em lhes dar aparelhos eletrônicos tem sido bem difícil! Essas traquitanas deixam as crianças entretidas e, durante esse tempo, elas não dão trabalho e não incomodam tanto, não é? Precisamos decidir se vamos, de fato, cuidar bem de nossas crianças. E, se assim decidirmos, que a ideia se transforme em prática. Para tanto precisamos ter coragem, paciência, perseverança e disponibilidade pessoal.

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

## **A liberação sexual (CONTARDO CALLIGARIS)**

**UMA MENINA** de 12 anos grava um vídeo em que ela se penetra com um boneco e o manda para um correspondente on-line. A mãe da menina descobre o vídeo e seu destino; ela agradece a Deus, porque a menina não mostrou seu rosto. Logo, ela fica triste, pensando que a vida sexual da filha deveria ter começado de outra forma, numa relação terna, com algum de verdade.

A história me fez pensar numa adolescente psicótica que encontrei durante meu primeiro dia de trabalho numa instituição do norte da França, na qual fui psicanalista nos anos 70. Ela se masturbava com uma lixa, sentada na poça de seu sangue, no meio de um ateliê de marcenaria; enquanto isso, os "terapeutas" fabricavam móveis para suas residências. Durante dois anos, me encontrei com essa menina, a cada terça-feira de manhã --ela me ensinou que, na origem do desejo sexual, talvez esteja um imperativo raivoso e que nada tem a ver com amor e relações, algo como: goza, e doa a quem doer!

Naquela época, eu escutava meninos pré-adolescentes: muitos relatos de suas primeiras ejaculações eram cenas imaginárias de torturas e abusos sofridos. Quase sempre, essas cenas tentavam dar um sentido erótico ao exercício do poder absoluto e rigoroso dos pais. Alguns desses jovens, no inverno, começaram sua vida sexual imaginando que eram forçados a praticar coitos dolorosos com as barras escaldantes do radiador do banheiro. Você acha exótico? Tudo bem, no Brasil não há radiadores, mas há piscinas; não são raros (e, às vezes, tem consequências apavorantes) os "incidentes" em que um menino fica com o membro preso pela sucção de um tubo de circulação da água. Você acha que são frutos do acaso?

Mais tarde, em Paris, animei um grupo (inspirado nos grupos Balint) de residentes plantonistas. Alguns se angustiavam ao encontrar incidentes sexuais inesperados - objetos introduzidos por algum orifício, mas que explodiam e feriam (lâmpadas, por exemplo) ou que eram perdidos dentro do corpo. Um desses jovens médicos disse que ele teria preferido receber um dia, como plantonista, um casal vítima do mítico "penis captivus", ou seja, de uma mistura de inchaço vascular com contração muscular, pela qual um casal não conseguiria se separar depois do sexo. Eu comentei que todos sonhamos com casais que se amam tanto que nem conseguem desgrudar, mas o sexo" é outra coisa.

Por que conto essas histórias, que talvez causem um certo desconforto? Em matéria de liberdade e liberação sexuais, a questão não é ser a favor ou ser contra; a verdadeira oposição pertinente é entre estes dois lados:

1) Há os que acham que nossa sexualidade se desenvolveria harmoniosamente, se ela não fosse reprimida. Para esse grupo, é a repressão que obriga nosso desejo a procurar caminhos tortos. Jamais uma menina "brincaria" com um boneco, se ela fosse autorizada a transar com seus amiguinhos à vontade;

2) Há os que acham, ao contrário, que nossa sexualidade se aproxima do que chamamos de "normal" só pela força da repressão. Para eles, o desejo é (não está, mas "é") torto, e só sendo reprimido ele se encaminha, eventualmente, para algum semblante de harmonia. Ou seja, sem repressão, fantasias com bonecos, lixas e tubos de piscina talvez nos interessassem mais do que brincadeiras com parceiros e parceiras. Não se apresse em tomar partido. Até porque, entre os dois extremos, há muitas posições intermediárias. Mais duas recomendações e uma nota.

1) Se você defende e deseja a "liberação sexual", ótimo, estou com você. Mas cuidado com o que você deseja: nem sempre a gente aguenta.

2) Por favor, não demonizemos meninas que brincam com um boneco; sua sexualidade não é tão diferente da nossa.

Nota. A contracultura, desde os anos 50/60, é considerada responsável pela "liberação sexual". De fato, nas suas margens, abundavam os farsantes: os mais frustrados achavam que, enfim, iam poder "pegar uma mina", os menos sinistros tinham sonhos (quase bobos) de sexo festivo, liberado, cheio de amor e flores no cabelo.

Mas a liberação sexual da contracultura não foi nada disso: era claro, para os melhores, que o sexo, se fosse "liberado", seria brutal, exigente e cruento, como o desejo daquela menina louca sentada na poça de seu sangue. A maioria dos melhores tentaram viver à altura desse desejo "liberado"; muitos morreram na epidemia de Aids dos anos 80.

---

**CONTARDO CALLIGARIS**, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## O mapa do cérebro (DRAUZIO VARELLA)

O **CÉREBRO** humano é a estrutura mais complexa do Universo. Decifrar os mecanismos por meio dos quais ele consegue criar movimentos, percepções, pensamentos, memórias e a consciência é o maior desafio científico de todos os tempos. Está prestes ser criado o BAM -Brain Activity Map (Mapa da Atividade Cerebral)-, um megaprojeto organizado para desenvolver novas gerações de técnicas que permitam mapear a atividade de neurônio por neurônio, com precisão de milissegundos.

Parece pretensão paranoide, mas não é. A neurociência tem feito enormes avanços na tecnologia que tornou possível estudar as funções de neurônios isolados. Imagens do cérebro em ação podem ser obtidas através da ressonância magnética funcional, método que consiste em injetar na veia glicose marcada com isótopos radioativos e analisar através da ressonância sua distribuição pelas diferentes áreas cerebrais, enquanto a pessoa realiza funções como andar, rir, olhar para figuras que despertam compaixão, raiva, atração sexual, solidariedade.

Apesar desses avanços, os mecanismos responsáveis pela percepção, cognição e ação permanecem misteriosos, porque resultam de interações em tempo real de grande número de neurônios, conectados em redes que formam circuitos de altíssima complexidade. O projeto BAM propõe construir pontes que permitam descrever e manipular as atividades desses circuitos e redes de neurônios e até de cérebros inteiros, com a precisão em microescala de neurônio por neurônio.

O programa tem três objetivos:

1) Construir ferramentas capazes de a um só tempo obter imagens da maioria ou de todos os neurônios que fazem parte de cada circuito envolvido nas funções cerebrais.

2) Desenvolver métodos para interferir no funcionamento de cada neurônio desses circuitos.

3) Entender as funções essenciais de circuito por circuito.

Para atingir tais objetivos é necessário criar programas de informática capazes de armazenar, manipular e compartilhar dados de imagens e propriedades fisiológicas em larga escala, que serão compartilhados com todos os investigadores participantes. Será obrigatoriamente um esforço de colaboração internacional entre neurocientistas, físicos, engenheiros e teóricos que trabalham na academia ou na indústria.

Dentro de cinco anos, vai ser possível monitorar ou controlar dezenas de milhares de neurônios. Ao redor dos dez anos, esse número terá sido multiplicado por dez. Aos 15 anos, já poderemos observar a ação simultânea de 1 milhão de neurônios. Nessa fase, estaremos aptos a avaliar a função do cérebro inteiro do minúsculo peixe-zebra -usado como modelo em laboratório- ou de determinadas áreas do córtex cerebral de camundongos e de primatas.

Quando essa metodologia estiver disponível, poderá ser utilizada para diagnosticar e tratar distúrbios neuropsiquiátricos, ajudar na recuperação de funções perdidas depois de derrames cerebrais e criar teorias a respeito da cognição e do comportamento humano, baseadas em evidências. Transtornos cerebrais devastadores como demências, esquizofrenia, depressão, autismo, epilepsia têm suas origens na desorganização das interações entre circuitos de neurônios, no interior do cérebro.

Da mesma forma, as perdas de movimentos voluntários provocadas por derrames, paralisia cerebral, esclerose múltipla ou traumatismos medulares que desconectam os centros cerebrais do restante do corpo poderão ser tratadas e corrigidas por meio dessas novas tecnologias. As atividades econômicas envolvidas no BAM serão comparáveis às do Projeto Genoma, que exigiu investimentos da ordem de US\$ 3,8 bilhões, mas gerou US\$ 800 bilhões de impacto econômico. O financiamento deverá vir de fontes governamentais e da iniciativa privada.

Lamento não estarmos vivos -você e eu, leitor- para assistirmos à descrição das bases neurais da consciência, o desafio maior. A consciência seria uma característica especial e exclusiva de nossa espécie ou apenas um subproduto natural de cérebros mais complexos, que emergiria como simples consequência da integração da experiência individual com as informações sensoriais? Haverá resposta para indagações como essas?

---

**DRAUZIO VARELLA** é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Maio de 2014.**

## A exclusão política e a imprensa (CLÓVIS DE BARROS FILHO)

**Em ano de eleição surge, em diversos campos das humanidades, uma discussão sobre a interferência dos meios de comunicação no processo político brasileiro**

**EM ANO** de eleição surge, em diversos campos das humanidades, uma discussão sobre a interferência dos meios de comunicação no processo político brasileiro. Há mais de três décadas, os pesquisadores de Comunicação acumulam evidências das estratégias políticas que os grupos privados de comunicação operam para beneficiar partidos com orientação neoliberal e reacionária, e outros tantos pesquisaram os efeitos do discurso midiático na escolha eleitoral. Os problemas éticos da mídia ficam em evidência.

Em 2006, eu participei de uma pesquisa, junto com Vladimir Safatle e Marcelo Coutinho, sobre o uso das novas mídias na campanha presidencial. Virei uma referência na área de Mídia e Política, mas nunca tive respostas para algumas inquietações sobre o assunto, por exemplo:

- Se a mídia influencia tanto a população, e defende políticos reacionários, por que não há um engajamento social nos partidos de direita?
- Se atualmente a mídia tem mais ganhos políticos, sociais e financeiros do que na ditadura, por que ela critica o processo democrático?
- Se há uma superexposição dos temas eleitorais nos jornais, por que temos uma alienação política significativa da população?



Até pouco tempo achei que morreria sem ter essas respostas até que, por obra do destino (ou do habitus social), me deparei com uma brilhante pesquisa feita, em 1996, pelo cientista da Comunicação Pedrinho Guareschi, intitulada “A representação social da Política”.<sup>1</sup> Sua larga pesquisa qualitativa de recepção com moradores da cidade de Porto Alegre constatou um amplo discurso sobre a percepção social da Política, categorizada da seguinte forma: Manipulação/dominação, falta de educação, alienação, coisa ruim/sujeira e desilusão/injustiça. Todos esses discursos eram consonantes com as opiniões dos jornais impressos, televisivos e radiofônicos.

Uma análise profunda da ideologia contida nesses discursos revelou as estratégias sociais de controle da população operada pela classe dominante. Frases como “cada povo tem o governo que merece”, “a população troca voto por dinheiro ou comida” ou “o povo é ignorante e vota em qualquer um que faz promessas” deslocam a culpa dos políticos e das falhas do nosso sistema de representação para a população. Se o governo é ruim ou corrupto, é culpa da população, e não do sistema ou dos governantes. Quando há problemas de corrupção, os jornalistas e humoristas jogam a culpa na classe pobre que é considerada “burra” e mau-caráter por aceitar e depender dos “programas sociais” levados a cabo pelo Estado. Defendem a ideia ingênua de que o “voto” purifica ou contamina uma sociedade, ocultando assim os interesses espúrios que mantêm esse sistema e que dão poder aos donos dos meios de comunicação.

Deslocar os problemas do País para a população “ignorante e corrupta” serve como justificativa social compartilhada para encobrir a culpa das classes dominantes. Porém, esse argumento é tão absurdo que se torna difícil de sustentar a todo

momento. Além disso, sempre haverá pessoas boas que serão eleitas e que não vão conseguir mudar o sistema. Afinal, muitas vezes professores, sacerdotes ou médicos idôneos são eleitos. Enquanto assessor concursado do Senado, eu conheci muitos políticos honestos, em todos os partidos, que tentavam fazer um bom trabalho. Os corruptos, que dominavam as altas esferas da máquina política, eram minoria. Mas, então, por que os políticos honestos não conseguiam apoio social para mudar o sistema?

Os donos dos meios de comunicação, pertencentes à classe dominante, operam uma nefasta estratégia discursiva de agendamento temático. Eles só noticiam coisas ruins da vida política, como corrupção, ineficiência, atraso dos parlamentares. Transformam a Política no oitavo pecado capital e, propositalmente, não noticiam as inúmeras conquistas sociais que acontecem na Política. Por esse motivo, não mostram o trabalho dos políticos sérios. Não é à toa que 70% dos políticos mais bem avaliados pelas ONGs Transparência Brasil e Voto Consciente não se reelegeram. O discurso padrão dos meios de comunicação desarticula e desencoraja todos os dias com ideias como: "o poder corrompe", "a Política suja todos os que participam dela", "não existe político honesto, são todos safados", "só aprontam", "tudo acaba em pizza".

Todos os dias se opera uma velada orientação ideológica para deslegitimar a participação da população na vida política, bem como qualquer esperança de mudança. Quando a população se revolta e vai para as ruas protestar, a mídia rapidamente condena as manifestações. Associam os revoltosos a badermeiros, criminosos que atacam propriedades privadas e públicas, vândalos que incentivam a violência contra policiais ou ingênuos que acham que podem melhorar o transporte público do País. Quanto maior a pressão pública sobre o sistema político, maior é a violência simbólica desferida contra o povo pelos meios de comunicação.

Para os meios de comunicação só existem governos e políticos bons nos países europeus ricos, onde a população é branca, abastada e tem estudo. Estados que constroem suas riquezas explorando países pobres e em desenvolvimento como o nosso.

**1 GUARESCHI, P. A representação social da Política. In: GUARESCHI, P. et al. Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000**

**CLÓVIS DE BARROS FILHO** é Professor de Ética da ECA/USP e conferencista do Espaço Ética: [www.espacoetica.com.br](http://www.espacoetica.com.br).  
**Revista FILOSOFIA, Maio de 2014.**



Lucas Rocha